

DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA ENTRE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL COM ÊNFASE EM DISLEXIA

YUKAWA, Fernanda Kiyam Nicastro *¹

RESUMO: A pesquisa para realização deste trabalho foi feita com coordenadores e professores da rede municipal de ensino sobre as dificuldades que os alunos do ensino fundamental encontram na leitura e na escrita, muitas vezes por problemas como dislexia. Frequentemente observamos que o aluno conclui o Ensino Fundamental expressando-se nas modalidades oral e escrita de forma precária, incapaz de se comunicar na norma padrão da língua portuguesa e sem condições de atender às necessidades da sociedade. Esse indivíduo não consegue perceber a extensão dos acontecimentos à sua volta, muito menos sentir o prazer de um bom texto. O professor, apesar de todos os esforços, às vezes, sente-se impossibilitado de ajudar o aluno a vencer esse problema. Muitas vezes a dislexia está presente sem que os próprios professores se dêem conta disso.

ABSTRACT: The research for accomplishment of this work was made with coordinators and professors of the municipal net of education on the difficulties that the pupils of basic education find in the reading and the writing, many times for problems as dislexia. Frequent we observe that the pupil concludes Basic Ensino expressing in the modalities verbal and writing of precarious form, incapable of if communicating in the norm standard of the Portuguese language and without conditions to take care of to the necessities of the society. This individual does not obtain to perceive the extension of the events to its return, much less to feel the pleasure of a good text. The professor, although all the efforts, to the times, are felt disabled to help the pupil to win this problem. Many times the dislexia is present without the proper professors if give account of this.

PALAVRA-CHAVE: Dificuldade, Aprendizagem, Leitura e Escrita e Dislexia.

KEYWORDS: Difficulty, Learning, Reading and Writing and Dislexia.

INTRODUÇÃO

Foi durante o período de estágio supervisionado, no Ensino Fundamental, que tomei consciência da importância do estudo de alguns distúrbios para compreensão de certas deficiências na leitura e, conseqüentemente, na escrita.

O tema deste trabalho foi escolhido visando as grandes dificuldades encontradas na aprendizagem de indivíduos que estão em processo de ampliação de conhecimento de mundo, no qual, a leitura e a escrita são fatores importantíssimos. Sem a habilidade dessas duas funções, torna-se praticamente impossível o prosseguimento das atividades tanto dentro quanto fora do instituto de ensino.

1. Aluna do curso de graduação em Letras da UNIGRAN- Dourados- MS

A metodologia utilizada foi baseada na bibliográfica e na de campo. Com pesquisas em livros e sites idôneos com especialistas estudiosos do assunto foram reunidos os conceitos e os pontos mais importantes com relação às dificuldades dos alunos. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com coordenadoras e professoras do ensino fundamental de uma escola da rede pública.

Os distúrbios de aprendizagem, sobretudo aqueles de leitura e escrita, são problemas que, muitas vezes, dificultam nossa ação educativa, pois não permitem aos portadores dos mesmos um desenvolvimento de suas habilidades referentes à leitura e a escrita. Sensíveis à essa problemática e sendo fiéis a essa aliança educacional com a qual nos comprometemos realizamos este trabalho que tem como objetivo levar à classe educadora e aos pais, importantes informações referentes às dificuldades em leitura e escrita, acrescentando algo nessa inacabada construção denominada educação.

Pela complexidade do que realmente é Dislexia vimos que há muita contradição derivada de diferentes focos e ângulos pessoais e profissionais de visão, porque os caminhos de descobertas científicas que trazem respostas sobre essas específicas dificuldades de aprendizado têm sido longos e extremamente laboriosos, necessitando, sempre, de consenso. É imprescindível um olhar humano, lógico e lúcido para o entendimento maior do que é Dislexia.

Infelizmente, ao longo de todo percurso da educação em nosso país, verifica-se que a instituição escolar, salvo raras exceções, não conseguiu romper o pragmatismo e trabalhar com os textos literários em sua real dimensão de manifestações artística e cultural.

Quando escolhemos a graduação no curso de letras, fizemos uma verdadeira aliança com a educação de um modo geral. Optamos por ser construtores do processo de aprendizagem, fator fundamental para que o ser humano possa ser dignificado e exercer plenamente seu papel na sociedade.

Analisando alguns textos de escritores como Calkins, pude perceber, também, a importância da sala de aula, da divisão de tempo e espaço físico e aplicação de atividades de escrita e reescrita, leitura e releitura para que os alunos pudessem fixar o conteúdo apresentado.

Nem sempre as práticas pedagógicas são executadas conforme o previsto e muitos professores ainda estão despreparados para lidar com alunos “deficientes”, no sentido de apresentarem deficiências comportamentais, geradas a partir de disfunções como a dislexia.

É durante o ensino fundamental que se forma a consciência de cidadania, ou seja, de pertencer a uma sociedade. Por esse motivo o acesso à leitura é um direito desse cidadão que está em processo de formação. Como sabemos, a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo e que a escrita é a expressão mais completa dessa linguagem. Por isso a leitura é um fator importantíssimo nessa fase e não poderia ser ignorada pelo poder público, pelos pais, escolas e docentes.

Saber ler e escrever é uma capacidade indispensável para que o indivíduo se integre à sociedade. Em nossa realidade, quando uma criança ingressa no mundo escolar, cria-se

em torno dela um verdadeiro circuito de expectativas referentes à organização da leitura e da escrita. Porém, quando se percebe que algo de errado está acontecendo, que a criança não consegue assimilar as novas habilidades requeridas pela leitura, ocorre por parte dos pais e educadores o que chamamos de “pseudodiagnóstico”, rotulando-a muitas vezes como indisciplina ou até mesmo como preguiçosa.

No entanto, a Dislexia é um problema cada vez mais comum entre as crianças e cada vez mais confundido e complicado para os adultos. A dificuldade de conhecimento e de definição do que é Dislexia, faz com que se tenha criado um mundo tão diversificado de informações, que confunde e desinforma. Além do que a mídia, no Brasil, as poucas vezes em que aborda esse grave problema, somente o faz de maneira parcial, quando não de forma inadequada e, mesmo, fora do contexto global das descobertas atuais da Ciência.

Dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da Linguagem: em Leitura, Soletração, Escrita, em Linguagem Expressiva ou Receptiva, em Razão e Cálculo Matemáticos, como na Linguagem Corporal e Social. Não tem como causa falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem a ver com acuidade visual ou auditiva como causa primária. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada em cerca de 80% dos disléxicos.

Apesar de todo o esforço que se tem empregado, aprender a ler ainda é uma atividade complicada para um grande grupo de alunos, que dificilmente conseguirá ser alfabetizado sem um apoio psicopedagógico. Por isso se comprova a importância de trabalhos realizados nessa área de atendimento educacional àqueles com dificuldades em leitura e escrita.

O que leva um indivíduo a chegar ao ensino médio com um vocabulário precário, que ao tentar interpretar um texto não faz idéia do que se trata? Lê, mas não sabe o que lê. Leitura é vida. Interpretar é saber viver. Como compreender um simples questionário quando não se sabe decifrá-lo?

Quais estratégias e atividades poderão os professores dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos usar para ajudarem a criança ou o jovem com dislexia a superar as suas dificuldades de leitura?

1. REVISÃO DE LITERATURA

Dia a dia estamos lidando com dificuldades cada vez maiores quando o assunto é leitura. No entanto, segundo Catach, citado no livro de José de Moraes “Na tela [do computador] lemos o que escrevemos e escrevemos lendo.” A leitura está presente no dia a dia de todas as pessoas, embora não nos damos conta da importância desse ato.

A leitura foi muitas vezes comparada à alimentação. Um texto, conforme nossa fome e nossa disposição momentânea, a gente engole, devora, mastiga, saboreia. Ler é pastar (Roland Barthes, *O prazer do texto*), é digerir (Nietzsche, *Le Gai savoir*). ‘Eu tinha... lido, isto é, relido e ruminado’ (Amin Maalouf, *Le premier siècle après Béatrice*). E se o texto é poético, sendo a poesia mais etérea que a prosa, ler é também respirar (“Ele aspirou Pouchkine – o volume dos pulmões do leitor de Pouchkine aumenta”),

Nabokov, *Le Don*)." "De objeto que é (vamos... vou pegar um livro!), o texto transforma-se em ser vivo."

"A arte de ler e a arte de escrever, como a arte de falar e de entender, são artes esquecidas (...)" (Antônio José Bolívar). Todas essas artes passam despercebidas e aqueles que sentem dificuldades em se expressar acabam ficando solitários em meio a grande multidão de sabichões que pouco se importam com os problemas alheios.

Um dos primeiros aspectos a ser considerado por Calkins diz respeito ao ambiente que se constrói em sala de aula. A sala de aula poderá ser pensada como um lugar em que as crianças tenham a oportunidade de se movimentar com autonomia sob o olhar atento do professor. Um espaço previsível, cuidadosamente planejado, dentro de uma organização, com horários e regras preestabelecidas que permitam as mais diversas interações. Calkins(1989) considera que os ambientes mais criativos em nossa sociedade não são os mais sofisticados, mas aqueles previsíveis e simples, "*uma vez que as interações e o trabalho que se tem a fazer já são, por si sós, complexos e imprevisíveis*" (p.25). E segundo as idéias de Marisa Lajolo, no livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*:

(...) lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (LAJOLO, 1998, p 23).

É necessário estabelecer um certo ritmo nesse espaço, propiciando-se um tempo necessário, adequado, para que os alunos possam escrever, reescrever e falar o que escreveram, com os colegas e com o professor. A escrita de um texto não se esgota em um dia e, como sugere Calkins (1989), o estabelecimento de um período para a escrita é importante, pois permite que as crianças assumam controle sobre seus próprios processos de escrita. Quando esses alunos conhecem os parâmetros em que estão trabalhando, podem desenvolver estratégias e planos para a elaboração do seu texto.

A necessidade de se considerar o não aprender como um processo, no qual inúmeros fatores estão atuando, deve recair sobre todos os profissionais que acabam sendo envolvidos numa situação de aprendizagem, entre eles: professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas, etc. Todavia, aos docentes cabe um papel fundamental e primordial: o de sempre repensar as experiências didáticas que estão sendo oferecidas aos sujeitos que não aprendem e, sobretudo, considerar quais foram as reais chances de interação e de construção dos objetos de conhecimento que essas crianças tiveram.

A pergunta que muitos autores querem responder, ao se depararem com crianças que não aprendem é "o que ocorre com as crianças que não atuam sobre o meio, por serem impedidas, ou atuam pouco?" (DOLLE e BELLANO, 1996, p.9). Ramozzi-Chiarottino, que realiza pesquisas nesse enfoque explica:

Depois de vários anos de observação do comportamento da criança em situação natural, chegamos à conclusão de que os distúrbios de

aprendizagem são determinados por deficiências no aspecto endógeno do processo da cognição e de que a natureza de tais deficiências depende do meio no qual a criança vive e de suas possibilidades de ação neste meio, ou seja, depende das trocas do organismo com o meio, num período crítico de zero a sete anos (1994, p.83).

O estudo do processo de aprendizagem humana e suas dificuldades são desenvolvidos pela Psicopedagogia, levando-se em consideração as realidades interna e externa, utilizando-se de vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Segundo Maria Lúcia Weiss:

(...) a aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente), no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer “dissociações de campo” e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo.

Todos esses problemas leva-nos a outros ramos de defasagem na aprendizagem, como a Dislexia, caracterizada pela dificuldade na leitura. Quando a pessoa lê, ela pode não entender bem os códigos da escrita. A leitura pode ser lenta, silabada e a pessoa pode ter dificuldades em reconhecer até mesmo as palavras mais familiares.

A Dislexia é inesperada pois não tem uma causa evidente. A pessoa tem inteligência normal e condições adequadas no seu meio assim como no ensino, não apresenta doenças neurológicas ou psiquiátricas e não tem alterações significativas auditivas e visuais. A dislexia não é considerada uma doença. As pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados com leitura. O disléxico tem dificuldade em associar o símbolo gráfico, as letras, com o som que elas representam, e organizá-los, mentalmente, numa sequência temporal. É uma dificuldade de linguagem inesperada, pois não está relacionada com problemas visuais, auditivos, lesões neurológicas, atraso, problemas psicológicos e sócio culturais.

Vicente Martins, professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, relata que uma mãe chegou até ele dizendo ter um filho de 5 anos que domina com facilidade a parte instrumental da música, no entanto, tem grande dificuldade para escrever a sua própria. Quando tenta escrever o nome, segundo a mãe, escreve o U virado pra baixo o S ao contrario e sua fala já apresenta também dificuldades de ser compreendida pela própria família.

Ainda no relato, diz a mãe que a criança, antes, falava corretamente e, agora, apresenta dificuldades de fala e também costuma usar as duas mãos para fazer as atividades escolares. Às vezes utiliza a mão esquerda; outras, a direita, e tem muita dificuldade de apreender coisas simples, e sente muita “preguiça” a maioria das vezes para cumprir os deveres escolares. Pelo que lemos do relato, observamos que os sintomas de

dificuldades de aprendizagem de lectoescrita (leitura e escrita) são de diversas ordens: distúrbios de rotação grafêmica (U virada pra baixo e S ao contrário) e de fala (incompreensiva).

A dislexia pedagógica acumula uma série de déficits que, claramente, afetam outras habilidades como fala, escrita e escuta. Aos 5 anos de idade, portanto, em processo de alfabetização, os métodos da escola parecem não atender às grandes expectativas dos pais quanto à alfabetização, o acesso ao código escrito, e ao letramento, isto é, aos usos sociais da escrita no cotidiano escolar.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipos de Pesquisa

A pesquisa foi realizada com base na metodologia bibliográfica e de campo, na qual os estudos são feitos com pesquisas em livros e visitas às escolas que tratam do assunto abordado. Foram aplicadas informações obtidas em bases de dados, documentos científicos, entrevistas, fontes primárias e secundárias e outras, na construção do conhecimento científico.

2.1 Local da Pesquisa

O que deu início a investigação para realização desse trabalho foi o estágio supervisionado realizado no ensino fundamental na Escola Pedro Clarismundo Fornari, localizada na cidade de Jundiaí.

2.2 Materiais e Métodos

Foram realizadas entrevistas informais com professores e coordenadores de Língua Portuguesa do 5º ao 9º ano, ressaltando as dificuldades apresentadas por alunos dessas séries em relação à leitura e que, conseqüentemente, geram desconfortos nas produções escritas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi elaborado com o intuito de conceituar leitura e escrita entre alunos do ensino fundamental. Além de mostrar as dificuldades que alguns professores podem encontrar no meio do caminho. Embora, muitas vezes haja diversas desculpas para neutralizar os problemas de leitura dos iniciantes dessa prática, outros tantos docentes se mostram interessados em lutar pelo aprendizado dos alunos com dificuldades.

Nos estudos realizados foram encontrados depoimentos de professores que embora constatados a dificuldade de leitura, não conseguem identificar qual o tipo de distúrbio sofrido e, assim são aplicados os melhores e mais corretos métodos para a reeducação do educando.

Acreditando nos benefícios dos métodos aplicados de leitura e escrita, pode-se afirmar que nem sempre os resultados são favoráveis, pois as dificuldades são variadas e as

formas de tratamento devem se adequar para cada tipo de dificuldade, não podendo generalizá-los.

Assim como “prevenir é o melhor remédio”, a intervenção preventiva deverá iniciar logo nos primeiros anos de vida acadêmica das crianças, incentivando o trabalho com atividade mental, linguagem, exercícios perceptivo-motores e iniciar a leitura e a escrita.

Quando o aluno, em uma leitura silenciosa, sabe dar informações e resumir o texto lido, mas lê atentamente, troca os sons, esquece-se das palavras, o que o leva a não compreender o texto ou em uma leitura expressiva, lê oralmente com expressividade, mas luta contra as inversões, as omissões, as confusões, os sons complexos, as linhas que saltam, fica bloqueado quando é perturbado pela emoção (os mecanismos de compensação serão mais aparentes e portanto mais incomodativos, prejudicando assim a fluidez da leitura e logo impedindo a compreensão do texto), o professor deve, no primeiro ano, fazer muitos exercícios de repetição ou discriminação de sílabas sem significadas (pseudopalavras), de consoantes próximas (chá/já; fá/vá; pá/bá...).

Diminuir o comprimento dos textos; Propor questões intermédias; Pedir-lhe para resumir um parágrafo mais curto; Se na ficha/teste de avaliação teve dificuldade em responder às questões, verificar oralmente se compreendeu ou não o texto; Se não compreendeu, a sua dificuldade de compreensão é ao nível da leitura; Se compreendeu, a sua dificuldade é na transcrição para a escrita; Reduzir a velocidade de leitura em voz alta (a velocidade aumenta consideravelmente os erros nas crianças disléxicas); Não obrigar a ler em voz alta em presença de outros alunos; Deixá-lo seguir a leitura com o dedo ou outro auxiliar; Ler os sons complexos ao mesmo tempo que ele e fazê-lo repetir; Verificar a compreensão do texto lido; No primeiro ano, ensinar as grafias muito próximas (on/ou; m/n; p/b...), com alguns dias de intervalo.

Na escrita, quando o aluno escrever legivelmente, fizer a pontuação, colocar os acentos e as maiúsculas, mas como na maioria dos casos é disgráfico, não se sente à vontade com a escrita, não respeita as grandezas devido à sua dificuldade de representação no espaço, o professor deve insistir com os pais para vigiarem a forma como o aluno segura no lápis, visto a mesma ter muita importância na percepção dos ritmos (ponto fraco dos disléxicos); Voltar a explicar o trajeto das letras, ser paciente face à sua grafia e ao seu lado desorganizado/confuso, aceitar as rasuras (que são autocorreções) e a sua apresentação pouco cuidada, não deverá arrancar-lhe as páginas do caderno.

Espero que as idéias aqui apresentadas acerca de dificuldades ou distúrbios de leitura e escrita possam contribuir para uma prática pedagógica mais eficiente na reeducação dos nossos alunos. Dislexia, antes de qualquer definição, é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente.

ANEXO

Entrevista realizada com coordenadores e professores que lecionam para o ensino fundamental I na rede pública de ensino da cidade de Jundiá.

1. O que é dislexia? É uma doença?

A Dislexia caracteriza-se por problemas na leitura. Quando a pessoa lê, ela pode não entender bem os códigos da escrita. A leitura pode ser lenta, silabada e a pessoa pode ter dificuldades em reconhecer até mesmo as palavras mais familiares. A Dislexia é inesperada pois não tem uma causa evidente. A pessoa tem inteligência normal e condições adequadas no seu meio assim como no ensino, não apresenta doenças neurológicas ou psiquiátricas e não tem alterações significativas auditivas e visuais. A dislexia não é considerada uma doença. As pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados com leitura. O disléxico tem dificuldade em associar o símbolo gráfico, as letras, com o som que elas representam, e organizá-los, mentalmente, numa sequência temporal. É uma dificuldade de linguagem inesperada, pois não está relacionada com problemas visuais, auditivos, lesões neurológicas, atraso, problemas psicológicos e sócio culturais.

2. Toda pessoa disléxica tem sempre problemas de leitura?

O que caracteriza a dislexia é a dificuldade para decodificar os símbolos escritos e reconhecer imediatamente as palavras, tendo como consequência dificuldades na compreensão dos textos.

3. Os professores são capacitados para diagnosticar a dislexia em sala de aula?

Podemos suspeitar a presença da dislexia desde cedo, principalmente na época da alfabetização, quando a leitura e escrita são formalmente apresentadas à criança. Um diagnóstico mais preciso é feito a partir do 2º ano, após dois anos de aprendizagem da leitura. Mas havendo sinais de dificuldades nas áreas de linguagem, um atendimento adequado deve ser iniciado antes mesmo da alfabetização. Alguns sintomas podem ser observados desde cedo, como dificuldades para se expressar oralmente, dificuldades em identificar rimas e sons nas palavras, compreender o que é falado, dificuldades na orientação de espaço e tempo. Os profissionais que podem realizar este diagnóstico são os Terapeutas da Fala trabalhando conjuntamente com os psicólogos especializados no assunto. Quando necessário, podem ser solicitados exames complementares (neurológico, neuropsicológico, processamento auditivo central, neuroftalmológico)

4. Quais são os direitos de um aluno disléxico perante a lei?

Todas as crianças têm o direito fundamental à educação. O Decreto-Lei n.º 3/2008 vem enquadrar as respostas educativas a desenvolver no âmbito da adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de permanente e das quais resultam dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.

5. Como pode uma pessoa com dislexia enfrentar a vida académica?

A intervenção terapêutica adequada para o desenvolvimento de estratégias de leitura, realizadas com a ajuda do Terapeuta da Fala especializado, são essenciais para o êxito da aprendizagem. A família tem um papel de grande importância, assim como a escola. Ambos devem conhecer as características do disléxico, respeitando os seus limites e valorizando muito seu potencial.

6. Uma criança com dislexia pode freqüentar uma escola normal e uma escola bilíngüe?

A criança disléxica deve freqüentar a escola regular. É importante que a equipe escolar conheça os aspectos característicos da dislexia, o funcionamento leitor do disléxico e esteja pronta e disponível para atender estas necessidades especiais. A escola bilíngüe não é indicada para uma criança com dificuldades de linguagem, pois ela deverá lidar com vários idiomas simultaneamente, com diferentes estruturas fonéticas e gramaticais, o que tornará mais complexa a aprendizagem da língua escrita.

7. Como o professor pode diferenciar uma criança disléxica daquela que foi mal alfabetizada?

A criança mal alfabetizada consegue vencer suas dificuldades, até ficarem totalmente superadas. A criança disléxica tem sinais que a acompanharão por toda a vida. Há possibilidade de realizar este diagnóstico diferencial utilizando-se avaliações específicas.

8. Quais os sinais mais comuns de uma criança disléxica?

Na educação infantil, o atraso da fala é um indício importante. No ensino fundamental, a dificuldade de alfabetizar-se em leitura, soletrar, por exemplo, um texto, em voz alta perante uma sala de aula ou para si mesmo. No ensino fundamental, se a soletração não tiver sido resolvida, o aluno terá implicações no entendimento do texto em todas as disciplinas escolares. A falta de consciência fonológica durante a alfabetização leva à dislexia escolar.

9. Dislexia tem cura?

Se for de origem genética, não. E por isso, será considerada uma síndrome, uma dislexia desenvolvimento, evolutiva ou genética. Se a dislexia é de natureza escolar, a mudança do método de leitura, por exemplo, mudar o método global para o fônico, pode trazer resultados bastante animadores para os disléxicos, docentes e aos pais.

10. Qual o papel da família no processo de tratamento?

Os pais devem ficar atentos sobre o desempenho leitor de seus filhos. As baixas notas em língua portuguesa e a falta de interesse em ler textos podem ser sinais de alerta importante para um pedido de ajuda profissional. Os alunos que são disléxicos tendem a se afastar de atividades que envolvem a leitura ou texto escrito, temendo as dificuldades inerentes ao sistema escrito da língua e caminham para atividades outras como atividades de lazer, esporte, liderança escolar, entre tantas em que possa revelar seu potencial de criação e inteligência.

11. Quais atribuições cabem à escola, enquanto instituição que identifica os primeiros sinais deste distúrbio?

Cabe à escola oferecer aos pais de alunos e aos próprios alunos, metodologias interessantes e eficientes, do ponto de vista pedagógico, para atender os alunos especiais, os que apresentam dificuldades em leitura, escrita e ortografia. É incumbência

da escola e, em especial dos professores, oferecerem recuperação de estudos para aqueles que têm baixo rendimento escolar.

4. REFERÊNCIAS

MORAIS, José. (1996). A arte de ler. “Distúrbios de leitura”. São Paulo: Unesp. P. 211 – 259.

CALKINS, Lucy Mecnick. (1989). A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito. Introdução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médica. P. 249 – 275.

http://www.unimar.br/normas_regulamentos/MANUAL_DE_METODOLOGIA_TCC_UNIMAR.pdf

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo.

<http://vicentemartins.blogspot.com/2007/06/como-sondar-dislexia-pedaggica.html>